

AS ARGUMENTAÇÕES RETÓRICAS DO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA

Gilvan Santos Gonçalves (UEMA)
gilvansantosg@outlook.com.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo levantar questionamentos que visem a comprovar as implicações do processo de construção da leitura e, conseqüentemente, da escrita no processo de aquisição da interpretação. A forma como aprendemos a ler na infância determina os usos que lhe damos à leitura na idade adulta. Se a ênfase é dada apenas à parte mecânica, será difícil, para o aprendiz perceber a gama de possibilidades e significados, julgando-se a leitura um meio para fins restritos. A leitura exerce um papel fundamental não só na pré-escola, mas também nas demais etapas do processo escolar pela parcela de responsabilidade na formação do leitor. A falta de leitura provoca problemas graves na expressão escrita, dificultando o ensino-aprendizagem, por exemplo, da redação. O hábito de leitura, contudo, só consegue ter êxito se associado ao prazer, ao jogo e à arte, de modo que o leitor se sinta motivado em contato com formas de comunicação que caracterizam a arte da palavra.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This article aims to raise questions that aim to prove the implications of the process of construction of reading and consequently of writing in the process of acquisition of interpretation. The way we learn to read in childhood determines the uses we give it in adulthood. If the emphasis is only on the mechanical part, it will be difficult for the learner to grasp the range of possibilities and meanings, judging reading to be a means for narrow purposes. The theoretical reflection is based on the rhetorical studies of reading and writing postulated by FREIRE (2000), BARBOSA (1994), KLEIMAN (2008) and SOUSA (1997) among others that include studies on the written relationship, reading and materiality of the written text. It is important to highlight that this study shows that reading plays a fundamental role not only in preschool, but also in the other stages of the school process by the share of responsibility in the reader's education. Lack of reading causes serious problems in written expression, making it difficult to teach, for example, writing. The habit of reading, however, can only succeed if associated with pleasure, play and art, so that the reader is motivated in contact with forms of communication that characterize the art of the word.

Keywords: Reading. Writing. Teaching- learning

1. Introdução

A prática de leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo a nossa volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo de formas diferentes, de relacionar a realidade ficcional com a que vivemos no contato com um livro, enfim, em todos estes casos estamos de certa forma, lendo, embora, muitas vezes, não nos damos conta.

A leitura é o ato de envolvimento entre leitor e texto, possibilitando o sujeito a repensar e ampliar constantemente suas visões de mundo, modificando sua forma de agir sobre a realidade. Além disso, desperta sonhos, curiosidades e ativa a criatividade. Aprender a ler não é uma tarefa tão simples, pois exige uma postura crítica, sistemática e intelectual por parte do leitor, e esses requisitos básicos só podem ser adquiridos através da prática.

Atualmente o ensino da leitura tem sido uma preocupação constante de muitos estudiosos. As discussões estão relacionadas com as dificuldades que os nossos alunos apresentam na prática de leitura, em ler um texto longo, argumentar nas situações que exigem a participação oral e outros aspectos observados. O que se observa é que muitos veem na leitura somente a obrigatoriedade de cumprir alguma atividade em sala de aula.

Através da leitura o ser humano consegue se transportar para o desconhecido, explorá-lo, decifrar os sentimentos e emoções que o cercam e acrescentar vida ao sabor da existência. Pode então, vivenciar experiências que propiciem e solidifiquem os conhecimentos significativos de seu processo de aprendizagem.

Neste sentido, pensamos ser dever, de nossa instituição de ensino, juntamente com professores e equipe pedagógica, propiciar aos nossos educandos momentos que possam despertar neles o gosto pela leitura, o amor ao livro, a consciência da importância de se adquirir o hábito de ler. O aluno deve perceber que a leitura é o instrumento chave para alcançar as competências necessárias a uma vida de qualidade, produtiva e com realização.

Sabemos que, do hábito de leitura dependem outros elos no processo de educação. Sem ler, o aluno não sabe pesquisar, resumir, resgatar a ideia principal do texto, analisar, criticar, julgar, posicionar-se. Daí a nossa certeza que este projeto contará com o apoio de todos os professores,

independente da disciplina que lecionam, pois, a equipe docente tem plena consciência de que o aluno deve ter o domínio sobre a língua oral e escrita, tendo em vista sua autonomia e participação social.

Durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto, e não durante a leitura em voz alta, nem durante a leitura silenciosa, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto. Os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler servem mesmo para ensinar a decodificar, contribuindo para que o aluno construa uma visão empobrecida da leitura.

Apesar dos vários programas do Ministério da Educação na área da leitura ao longo das últimas décadas, voltados para a biblioteca escolar e para o incentivo à leitura e à formação de leitores, não tem impedido as escolas o cultivo de ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Um professor já dizia: “a tarefa principal da educação é o desenvolvimento do senso crítico para formar os verdadeiros cidadãos”. (FREIRE, 2000)

Juvêncio José Barbosa (1994, p. 88) explica que “ler não é mais decodificar e o leitor não é mais o alfabetizado”. O leitor é aquele para quem a cada nova leitura desloca-se e altera o significado de tudo o que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e do meio em que está inserido. Até então a escola não tem levado a sério a existência da escrita diversificada e dos diversos modelos de leitura, mas continua se preocupando exclusivamente com uma modalidade inabalável de leitura voltada unicamente à escrita literária, à escrita dos livros. “É como se continuássemos vivendo com a escrita encerrada nos mosteiros e não presente na rua, nas lojas, em nossa casa”. (BARBOSA, 1994, p. 88)

Portanto, para tornar os alunos bons leitores, a escola precisa adotar estratégias de leitura mais adequada à situação emergente. Terá de mobilizar os alunos intensamente, pois aprender a ler requer um esforço a mais. A escola precisa também convencer seus alunos a achar a leitura algo interessante, desafiador e necessário, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Portanto, uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.

2. Leitura e decodificação da escrita

O conceito de leitura está geralmente restrito à decodificação da escrita. A atividade de leitura não corresponde a uma simples

decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê.

Segundo Angela Kleiman (2008), a leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica deles.

Leitura, em Aurélio Buarque de Holanda Ferreira é: 1. Ato ou efeito de ler; 2. Arte ou hábito de ler; 3. Aquilo que se lê; 4. O que se lê, considerado em conjunto. 5. Arte de decifrar e fixar um texto de um autor, segundo determinado critério”. (FERREIRA, 1988, s.v.)

Assim, um indivíduo pode ser considerado leitor quando passa a compreender o que lê. Ler é antes de tudo compreender, por isso não basta decodificar sinais e signos, é necessário transformar e ser transformado. Uma boa leitura pode ser ouvida, vista ou falada. A diferença entre ouvir a fala e ouvir a leitura está em que a fala é produzida espontaneamente, ao passo que a boa leitura é baseada, num texto escrito, que possui características próprias diferentes da fala espontânea.

A leitura de um texto escrito não se processa diretamente na compreensão da escrita para a compreensão do pensamento. Isso acontece, porque antes de tudo é um processo linguístico e metalinguístico, que está essencialmente presa a todo bom mecanismo de funcionamento da linguagem, da boa comunicação, do bom uso da língua e da decodificação de informações.

De acordo com Paulo Freire (1989), a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. A leitura é associada à forma de ver o mundo. É possível dizer que a leitura é um meio de conhecer.

Renata Junqueira de Souza (1997) afirma que leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

Por isso se torna indispensável que desde os anos iniciais escolares, textos, frases, palavras, sílabas e letras, tudo isso tenha um sentido para a criança, pois é a partir deste processo que ela poderá criar o hábito pela leitura de forma estimulante e fascinadora.

A leitura é também uma atividade de apreciação e de réplica ativa (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1990). Segundo Roxane Rojo (2004, p. 3), nessa vertente teórica, “o discurso texto é visto como um conjunto de sentidos e apreciação de valor das pessoas e coisas do mundo, dependentes do lugar social do autor e do leitor e da situação de interação entre eles”.

Nesse aspecto descritivo a leitura deve ser vista como um ato cognitivo e está baseada nas teorias cognitivas, ou seja, a leitura é um processo de decodificação de informações e produção de sentidos, que engloba o uso de diferentes estratégias, e é regulada pela situação de comunicação.

3. O ato de ler e os tipos de leitura

Apesar do avanço tecnológico observado na área de comunicações, principalmente audiovisuais, nos últimos tempos, ainda é, fundamentalmente, através da leitura que se realiza o processo de transmissão/ aquisição da cultura. Daí a importância capital que se atribui ao ato de ler, enquanto habilidade indispensável, nos cursos de graduação.

A leitura é um dos meios mais importantes para a construção de novas aprendizagens, possibilita o fortalecimento de ideias e ações, permite ampliar conhecimentos e adquirir novos conhecimentos gerais e específicos, possibilitando a ascensão de quem lê a níveis mais elevados de desempenho cognitivo, como a aplicação de conhecimentos a novas situações, a análise e a crítica de textos e a síntese de estudos realizado.

Os alunos de modo geral, confundem leitura com a simples decodificação de sinais gráficos, isto é, não estão habituados a encarar a leitura como processo mais abrangente, que envolve o leitor com o autor, não se empenham em prestar atenção, em entender e analisar o que leem. Aprender a ler não é uma tarefa tão simples, pois exige uma postura crítica, sistemática, uma disciplina intelectual por parte do leitor, e esses requisitos básicos que só podem ser adquiridos através da prática.

O processo de ler implica vencer as etapas da decodificação, da inteligência, para se chegar à interpretação, posteriormente, à aplicação. A decodificação é uma necessidade óbvia, tarefa que qualquer pessoa alfabetizada pode empreender; pois consiste apenas na *tradução* dos sinais gráficos em palavras. A inteligência remete à percepção do assunto, ao significado do que foi lido. A interpretação baseia-se na continuidade da “leitura de mundo”, isto é, na apreensão e interpretação das ideias, nas relações entre o texto e o contexto.

Conforme define Rosilene Callegari Carleti (2007), a leitura é o meio mais importante para a aquisição de saberes na formação de um cidadão crítico para atuar na sociedade. O ato de ler é uma forma exemplar de aprendizagem:

Durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidade de pensamentos em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo de qualidade especial. (CARLETI, 2007, p. 2)

Segundo Juvêncio José Barbosa (1994, p. 121), os tipos de leitura dividem-se essencialmente em:

- a. *Leitura de informação* – na qual destina-se basicamente no conhecimento de determinado conteúdo por parte do leitor, sem uma preocupação com a retenção da informação;
- b. *Leitura de consulta* – aquela dirigida para situações emergentes e imediatas, como por exemplo, a consulta de dicionários, enciclopédias, guias e endereços;
- c. *Leitura de reparação e ação* – caracteriza-se por ser uma leitura rápida, seletiva, em que o leitor a realiza de forma espontânea, esta realiza-se por exemplo, nas placas de sinalização, cartazes, manuais de instrução;
- d. *Leitura de reflexão* – destina-se a apreensão de conteúdos diversos, esta envolve o trabalho intelectual, realizada em teses, ensaios, obras literárias, revistas científicas;
- e. *Leitura de distração* – como o próprio nome sugere, destina-se ao lazer, sem, portanto, existir uma finalidade científica propriamente dita, ajuda a passar o tempo, exigindo do leitor o domínio perfeito do ato de ler;
- f. *Leitura de linguagem poética* – que segundo Juvêncio José Barbosa visa criar prazer no leitor pela sonoridade com que são lidas as palavras, esta dirige-se a leitura de poemas.

Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (1992, p. 20) também apresentam cinco tipos de leitura que se consubstanciam nas apresentadas por Juvêncio José Barbosa neste contexto, apresenta os seguintes tipos de leitura:

- a. *Scanning* – sendo aquela leitura que procura um determinado tópico da obra através do índice;
- b. *Skimming* – realizada nos títulos, subtítulos e ilustrações das obras;
- c. *De significado* – que se centra na busca do conteúdo principal, deixando os secundários, lendo por isso de forma uniforme, sem voltar;
- d. *De estudo* – esta caracteriza-se por ser mais completa, o leitor, lê, relê, apoia- se de dicionários e elabora resumos;
- e. *Crítica* – aquela que tem como finalidade a formação de um ponto de vista sobre o conteúdo lido, recorrendo, portanto, a avaliação do conteúdo veiculado pelo texto quanto a solidez da argumentação.

A capacidade leitora está baseada no desenvolvimento eficaz da linguagem escrita e das diferentes formas de se entender a prática de oralidade. A escrita apresenta em qualquer língua aspectos da fala. O processo leitura deve ultrapassar a simples decodificação de símbolos, é antes de tudo, uma compreensão e entendimento da capacidade de se entender o que se escreve.

Quando o aluno lê interage com o texto. Isso significa que leitor e texto se influenciam mutuamente. No enfoque discursivo o trabalho visa buscar os efeitos que o texto produziu no leitor. Esses efeitos seriam as contribuições que o leitor estaria apresentando ao texto, caracterizado, por isso como aberto. Há, assim, várias possibilidades de leitura, o que requer necessariamente reflexão, discussão, análise e síntese. (NASPOLINE, 1996, p. 56)

Uma das grandes preocupações é que muitos alfabetizadores e pedagogos não têm formação especializada para exercer bem sua função, então se deve pensar em formações continuadas com orientações adequadas, para que esse profissional busque recursos a fim de aprimorar o conhecimento profissional, e a partir desse novo conhecimento aprender novas técnicas, pesquisar e ler materiais, livros, artigos de especialistas, dissertações de mestrado e teses de doutorado que abordem esse tipo de temática e que abordem uma visão geral de como ocorrem os processos de aquisição da linguagem, da leitura e da escrita nos primeiros anos de ensino e letramento.

O educador, em primeiro lugar, deve reconhecer a estrutura da língua e as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos, relacionadas a interpretação de textos, bem como o ensino da gramática, para que possam,

assim, se tornar instrumentos de intervenção que possibilitem levar os alunos a superar obstáculos e construir o aprendizado cognitivo de maneira correta e adequada.

Além de possuir conhecimentos referentes ao ensino da disciplina, o professor deve mostrar aos alunos que cada letra parte de um código, e é representada por unidades sonoras que podem dificultar a compreensão do processo de leitura e a absorção da escrita.

Mostrar que a língua e a gramática normativa possuem regras e arbitrariedades e que, inicialmente, é preciso memorizar algumas palavras, bem como a forma como se escrevem e se pronunciam. Em caso de dúvida, é bom ter o dicionário como aliado. Esse mecanismo poderá auxiliar no desempenho das atividades de leitura e escrita, e do conceito de cada palavra que se pretende conhecer.

É importante frisar que o alfabetizador e o aluno sempre devem ter ou procurar adquirir conceitos relacionados à leitura e escrita de forma contínua e progressiva, como um processo gradual, em que os estudantes irão alcançar maturidade cognitiva e bom entendimento em relação à linguagem e ao aprendizado de novos termos e vocábulos. Irão ocorrer alguns erros dos alunos, até que eles por si só (com o auxílio do educador) alcancem um nível de automatização da linguagem. Caber ressaltar as afirmações da autora:

...muitas crianças chegam à escola num estado de relativa confusão cognitiva em relação ao conhecimento do alfabeto, da pronúncia de algumas palavras e da escrita, que os objetivos da leitura, quer às propriedades formais da linguagem escrita. O sucesso da aprendizagem da leitura está condicionado pela evolução infantil e ao amadurecimento intelectual deste estado de confusão cognitiva para uma maior classificação dos conceitos funcionais e das características alfabéticas da linguagem escrita e da leitura cognitiva. (SILVA. 2003. p. 85)

Através do estudo dos processos que envolvem a aquisição leitora podemos distinguir três tipos de problemas significativos na aprendizagem de leitura:

- a. As crianças que encontram dificuldades para aprender a ler;
- b. As crianças que leem de forma passiva;
- c. E as crianças que têm dificuldades na compressão do que se diz, ouve e lê.

A competência leitora é o elemento que constitui a compreensão dos processos cognitivos implicados na aquisição da leitura e da escrita.

Esses questionamentos são essenciais para futuros docentes que desejam enriquecer seus conhecimentos tendo uma visão ampla, contínua e reflexiva, tratando de formar alunos com um aprendizado mais satisfatório, eficiente e metalinguístico.

Neste sentido, desenvolver a competência da leitura implica permear todo o ensino (e não apenas as aulas de língua portuguesa) pois, essa responsabilidade é da escola como um todo e não apenas de um professor ou uma disciplina (no caso, da língua materna).

E é justamente por isso que o desenvolvimento da compreensão leitora não pode se restringir às aulas de língua materna, pois uma leitura satisfatória envolve muitas áreas do conhecimento. Por exemplo, para que se chegue com sucesso a um endereço desconhecido, é necessário saber ler um mapa e localizar-se geograficamente no espaço; caso contrário, de nada adiantará ter um papel com o endereço escrito. É dessa maneira que as boas estratégias devem ser adotadas em sala de aula pelos professores de diferentes disciplinas.

Assim, a partir do exposto até o momento, só podemos situar-nos na perspectiva de que o ato de ler só assume a dignidade plena (e, por conseguinte, a relevância máxima), quando vai além das dimensões operativas, quando ultrapassa a literácia e falácia funcional, ocupando de pleno direito o lugar que é seu, numa dimensão sociocultural mais ampla, pois o indivíduo letrado é alguém que sabe que há mais do que uma versão do mundo disponível e que aquilo que lê ou que é dado a ler representa tanto uma seleção como uma abstração de um contexto mais vasto e ampliado. Essa concepção de leitura e escrita fundamenta-se em articulações propícias a:

- a) *Extração da informação relevante* – discriminação da mensagem fundamental em função da finalidade do ato de leitura;
- b) *Transferência* – novos conhecimentos que ajudam, muitas vezes, a aperfeiçoar e completar os já existentes;
- c) *Recuperação* – a nova informação deverá ficar disponível para que possa ser recuperada sempre que necessário;
- d) *Inferência* – a partir do texto, infere-se, extraem-se consequências, deduzem-se as mensagens que não são claramente explícitas;
- e) *Atitude crítica* – que pressupõe uma leitura reflexiva, de tal modo que o texto não tenha uma aceitação imediata;

- f) *Criatividade* – durante o ato de leitura o pensamento ativa-se e re-age perante as mensagens, estabelecendo relações, digressões etc., que enriquecem e personalizam a mensagem e a comunicação do ser leitor e escritor.

A formação de um leitor requer diferentes investimentos envolvendo a identificação, discernimento e compreensão de uma diversidade de gêneros, tipos de textos, suportes textuais, que estão presentes em diferentes contextos sociais.

Os gêneros de textos, por exemplo, cumprem funções sociais específicas, contribuem, de certa maneira, para a organização de determinados conteúdos e propiciam esquemas de interpretação para o leitor. A estrutura de um poema é distinta da que está presente em um conto de fada, em uma carta, em um artigo científico, em uma reportagem ou em um anúncio de jornal.

Numa sociedade letrada como a nossa, a leitura é fundamental. Muitas vezes ler é quase como respirar, é nossa função essencial na prática do estudo. A palavra ler tem muitos sentidos. O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, apresenta, entre outros, os seguintes:

- a) Percorrer com a vista (texto, sintagma, palavra), interpretando-o por uma relação estabelecida entre as sequências dos sinais gráficos escritos (alfabéticos, ideográficos) e os sinais linguísticos próprios de uma língua natural (fonemas, palavras e indicações gramaticais);
- b) Ter acesso a textos de diferentes obras e através do sistema de escrita, valendo-se de outros sentidos que não o da visão;
- c) Conhecer através de exames mais ou menos extenso o conteúdo de um texto;
- d) Deduzir, guiando-se por indícios objetivos (alguma coisa não explícita, não declarada, mas indiretamente contável); inferir;
- e) Prever ou presumir algo, além de formular hipóteses, a partir de dados objetivos.

O processo de leitura visa despertar estímulo e motivação para que no discente seja despertado o prazer de estudar. Além da satisfação interior, esse processo contribui para a formação de leitores competentes, com função de escritores críticos e metalinguísticos. A leitura, de acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997, p. 53):

É um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a língua. Não se trata apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a, letra por letra, palavra por palavra. É penetrar nas entrelinhas da realidade, captando e assimilando que os diferentes símbolos da escrita reproduzem os sons da fala, ou seja, é um constante diálogo com a realidade. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituído antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê.

Sabemos que a leitura é um processo gradativo de grande relevância no processo de ensino e aprendizagem, pois ler com nitidez e clareza significa percorrer com a visão (palavra, frase, texto), interpretando-o e decifrando-o por uma relação estabelecida entre as sequências dos sinais gráficos escritos e os significados próprios de uma língua natural. Esse processo visa a ter acesso a textos através de sistema de escrita.

O processo de leitura e escrita visa a ter uma melhor compreensão de mensagens de textos curtos, utilizando-se de conhecimentos prévios da língua materna. Para se atingir o processo de leitura e compreensão da escrita, propõe-se que o docente planeje suas atividades pedagógicas a partir das seguintes estratégias:

- a) Determinar os objetivos da leitura;
- b) Selecionar textos prazerosos e autênticos de jornais, revistas e livros, que estejam de acordo com os objetivos e as necessidades dos alunos;
- c) Ativar os conhecimentos prévios que os alunos possuem, sempre incentivando os questionamentos textuais;
- d) Incentivar a releitura das partes do texto que podem parecer confusas e de difícil interpretação;
- e) Oferecer ao aluno o caminho mais curto para o alcance dos objetivos no processo de leitura e escrita;
- f) Promover formas diferentes de leitura: silenciosa, oral, individual e compartilhada, em concordância com os objetivos traçados;
- g) Promover a troca de ideias e de informações entre os alunos a respeito do texto trabalhado.

O domínio da leitura e da escrita é vital para que se desenvolvam

capacidades de interpretação, produção e compreensão oral, de atividades e ações que vão além da simples questão de ouvir e produzir mensagens. Sendo assim, é necessário organizar atividades variadas, com a colaboração ativa do aprendiz, fazendo dos diferentes meios audiovisuais adequados à situação correspondente.

Portanto, a escrita e a leitura são linguagens que representam uma importante ferramenta na aquisição dos conhecimentos humanos, por sua relevância e vitalidade no curso do desenvolvimento das civilizações, através de seus múltiplos usos, gêneros e funções (notícias, documentos, informações e propagandas). Toda comunicação escrita deve ser coesa e coerente, de conformidade com os aspectos cognitivos e característicos da própria língua. Sua constante prática associada às outras manifestações de comunicação favorecerá o desenvolvimento do intelecto em qualquer contexto social.

4. *Os parâmetros curriculares nacionais e o processo de leitura e escrita*

A maioria dos problemas relacionados ao processo cognitivo da leitura e escrita estão relacionados à falta de interpretação, pois o aluno, muitas vezes, não sabe gramática de língua portuguesa, porque não consegue compreender o que um pequeno enunciado quer dizer.

É importante frisarmos que a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor ou de tudo o que sabe sobre a língua e as diferentes linguagens.

O ato de interpretar não se trata simplesmente de extrair informações da escrita através da leitura, não é somente decodificar letra por letra, ou palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, em uma produção oral sistematizada e adequada a uma situação discursiva, que deve ocupar um lugar de destaque em sala de aula.

Vale destacar que, na escola, a oralidade está presente quase sempre em forma de conversas informais, pouco existindo a necessidade de se ensinar gêneros orais e formais. Segundo Luiz Antônio Marcuschi (2003), o estudo oral favorece o tratamento de alguns aspectos, tais como:

- a. Variação da língua e da escrita;

- b. Níveis de uso da língua materna
- c. E relação entre escrita e fala.

São vários os estudos em que se propõem discutir o ensino da leitura e da escrita. Há inclusive a discussão sobre a necessidade ou não desse ensino. Como enfatizam os PCN, trata-se de uma questão de vontade: a questão verdadeira é o que, para que e como ensinar. O fundamental é não tornar as aulas de leitura meramente descritivas e prescritivas tal como consta nos manuais gramaticais em geral.

Os PCN afirmam que as questões de leitura e escrita devem ser pontuadas em função das atividades de produção, leitura e escuta de textos. E ainda destacam alguns critérios que podem nortear essa ação. Por exemplo, é preciso avaliar se os alunos são capazes de:

- a. Atribuir sentidos a textos orais e escritos, posicionando-se criticamente diante deles;
- b. Selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses (estudo, formação pessoal, entretenimento, realização de tarefa) e a característica do gênero e suporte;
- c. Produzir textos orais nos gêneros previstos para o ciclo, considerando as especificidades das condições de leitura e produção;
- d. Redigir textos na modalidade escrita nos gêneros previstos para o ciclo, considerando as especificidades das condições de leitura e produção;
- e. Utilizar conceitos e definições do que se ler.

No âmbito desta abordagem e prática, deve ficar evidenciado que os recursos didáticos e procedimentos devem viabilizar e enriquecer a forma como se procede a uma atividade, seja ela individual ou coletiva, com intuito de facilitar à criança desenvolver seus próprios esquemas mentais na organização do processo de aprendizagem, no processo de escrita, no processo de compreensão, no processo de autonomia, no processo de oralidade e no processo de leitura interpretativa.

Essas competências devem favorecer, portanto, a construção, por parte dos alunos, de instrumentos que os ajudarão a analisar os resultados de sua aprendizagem e os caminhos percorridos para efetivá-la, e a partir desses conhecimentos terem autonomia ao falar e ao escrever.

Apresentamos a seguir, alguns critérios de avaliação que devem ser adotados de acordo com as práticas a serem desenvolvidas em relação a leitura, produção escrita, produção oral, compreensão oral e análise da própria escrita:

- a. Localiza informações explícitas em um texto;
- b. Identifica o tema de um texto; infere informações implícitas, relaciona elementos não verbais na construção de sentidos;
- c. Identifica a finalidade dos textos;
- d. Identifica informações principais e secundárias em um texto; escreve o texto considerando o interlocutor e o propósito comunicativo;
- e. Organiza os textos de acordo com a capacidade de narrar, descrever e expor; ler de forma coesa e coerente;
- f. Identifica o assunto do texto;
- g. Reconhece os interlocutores envolvidos na interação; reconhece a função das pausas; elenca palavras relativas à temática do texto;
- h. Analisa a regularidade da escrita;
- i. Diferencia discurso direto e indireto;
- j. Percebe através da leitura a função dos adjetivos, substantivos e advérbios.

Dessa forma, “desde os sentidos e intenções a serem expressos até a natureza dos espaços e eventos sociais em que a atividade leitora se insere, tudo é determinante para o aprendizado da escrita e da leitura”. (ANTUNES, 2012, p. 53)

O processo de aquisição da leitura é contínuo e jamais se esgota quando se lê, ele se espalha por todo o processo de compreensão que antecede o texto; produzindo efeitos na vida e no convívio social com outras pessoas. Através da leitura se consegue mais eficácia no desenvolvimento sistemático da linguagem, da personalidade e da comunicação.

Portanto, elaborar um texto é uma tarefa grandiosa cujo sucesso não se completa, simplesmente, pela codificação das ideias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando

tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da escrita.

Não há dúvidas de que a leitura traz grandes benefícios ao ser humano. Quem lê tem conhecimentos e passa a ver o mundo de outra forma, sentindo-se mais humano e mais preparado para viver a vida. Ler se torna importante para escrever corretamente as palavras, isto é, ajuda a fixar as regras gramaticais. Vale lembrar que a gramática normativa e linguística deve ser ensinada a partir do texto, de uma forma contextualizada, interativa e participativa. Desta forma, de maneira geral, concluímos que alguns professores:

- a. Não trabalham textos autênticos (de revistas, jornais, livros ou com outros suportes, tais como as produzidas pelas novas tecnologias da informação e comunicação);
- b. Não utilizam textos produzidos pelos alunos em leitura, ou seja, não utilizam a atividade escrita pelo aluno;
- c. Não buscam ensinar ao aluno a natureza interativa da leitura, para nela se posicionar de forma crítica;

Por outro lado, concluímos que:

- a. Muitos alunos possuem dificuldades na leitura e, também, na escrita, pois não são instigados a ler de forma livre, no entanto, esses alunos são aprovados sem que sejam sanadas tais dificuldades referentes à escrita e a sua dinamicidade;
- b. Deve-se ter um professor que trabalhe as reais dificuldades dos alunos, ou seja, leitura e escrita de forma progressiva, pois, com a leitura e a escrita, são grandes as possibilidades de desenvolver a oralidade e a criatividade do aluno;
- c. O professor não está preparado e essa falha é decorrente da péssima qualidade dos cursos de licenciatura das Universidades de nosso país, tanto universidades estaduais quanto federais;
- d. Enfim, urge investir na formação de professores, para que haja um ensino mais eficiente e eficaz, na qual o aluno aprenda a ler e escrever, cumprindo, desta forma, uma exigência da sociedade e de toda uma sociedade que está constantemente atrás de conhecimento e aprendizado.

A educação transforma e muda a vida das pessoas e sem conhecimento e formação profissional não haverá desenvolvimento em nossa sociedade. Por fim, cabe assinalar que as observações aqui apresentadas refletem um dado momento na história da educação brasileira. Outros resultados podem ser obtidos através da realização de pesquisas e estudos mais propícios e realistas.

A leitura é uma fonte de conhecimentos, de conquistas, de satisfação pessoal e de realizações que servem de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar devem partir do seio familiar. A leitura, além de fornecer a matéria-prima para a escrita, contribuir para a construção de modelos relacionados às formas do escrever e à autonomia do saber construtivo.

A leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino e não da busca do prazer. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do seu ponto de vista, a objetivos de realizações imediatas.

No entanto a leitura não deve ser tratada apenas como prática social, complexa, deve ser inserida no âmbito escolar. Uma vez que se pretende transformar a leitura em um objeto de aprendizagem, o professor e a escola devem preservar sua natureza e complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com as diversidades que caracterizam a leitura, através dos diferentes tipos de gêneros textuais.

A escrita é um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracteriza por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos). Pode manifestar-se, do ponto de vista de sua tecnologia, por unidades alfabéticas (escrita alfabética), ideogramas (escritas ideográficas) ou unidades iconográficas., sendo que, em nosso meio, temos poucas oportunidades de observar essas escritas puras. É pela leitura, interpretação e aprendizagem, nas relações com os outros que se constroem os conhecimentos que permitem o desenvolvimento mental. Assim, na visão aqui discutida, a interação mediada pelo professor ocorre a partir de alguns princípios:

- a. O professor estabelece uma interação com o texto, produzindo seus sentidos;
- b. O professor estabelece uma interação com o aluno, tentando levá-

lo a produzir sentidos para o texto, porém sem demarcar qual é o seu, ao menos explicitamente (considerando-se a subjetividade da linguagem);

- c. O texto apresenta seus significados ao leitor-professor;
- d. O professor suscita discussões com o aluno, a partir do texto, para possibilitar que o aluno dialogue com ambos, estabelecendo o critério básico da interação;
- e. O professor não se interpõe entre o texto e o aluno, servindo como modelo de leitura e como mediador para a construção dos sentidos do texto;
- f. O professor atua na mediação do aluno à sua própria produção de sentidos

A escrita e a leitura, enquanto posições enunciativas, são duas atividades distintas, na medida em que a primeira focaliza o sujeito como escritor, que está envolvido na produção e materialidade do texto, e a segunda focaliza o sujeito como leitor, que está envolvido na recepção e interpretação do texto.

5. Considerações finais

Como vimos, o ato de ler e escrever é uma atividade bem mais complexa do que parece. Se, por um lado, podem consistir em simplesmente decodificar sinais, por outro lado podemos incluir também interpretar, e decifrar o que encontra além do literal.

Nesse aspecto o processo cognitivo da leitura é um poderoso instrumento de expressão humana e, como tal, um meio de aproximação e interação entre as pessoas. Dessa forma, ler bem, ou ser um leitor competente, não é apenas compreender o que está dito, mas compreender também o não dito, as entrelinhas e o implícito do texto.

O leitor crítico é aquele que, diante de qualquer texto, verbal ou não verbal, sempre se coloca numa postura ativa, de análise, de resposta ao texto lido. O leitor competente é aquele que, além do sentido das palavras, descobre também o significado das pausas, dos silêncios, da pontuação. Nessa perspectiva, entendemos que através da boa leitura, é possível apurar o olhar para enxergar o que parece *invisível*, mas está o tempo todo diante de nós.

Ao longo da extensa revisão de literatura, leitura de artigos e interpretação de dados bibliográficos, pode-se perceber que a grande dificuldade de leitura enfrentada pelos alunos do ensino fundamental, está atrelada, em grande parte, à falta de incentivo da família, à falta de biblioteca em muitas escolas da rede privada e pública, como também, à falta de incentivo, por parte dos docentes e de vontade de se obter conhecimento, por parte dos discentes.

Diante do exposto, pode-se perceber que a leitura exercitada corretamente possui vasta função social na medida em que é parte fundamental na tomada de uma consciência moral e crítica, que tem como fruto a formação intelectual de pessoas reflexivas e participativas no processo de evolução social.

De qualquer forma, sejamos otimistas ou pessimistas, podemos tomar como base que uma nova leitura do mundo é necessária, que a imensa maioria não está preparada para ou não sabe como fazer essa leitura, e que esse ato de ler não será isento de ideologia. E mais ainda, não haverá o conforto de uma leitura *totalizante*: teremos que conviver tolerantemente com diferentes leituras do mundo, ideologias e classes sociais.

Paulo Freire (1989) em *A importância do ato de ler* trabalha a temática da leitura, discutindo sua importância, explicitando a compreensão crítica da alfabetização, reforçando que a alfabetização demanda esforços no sentido de compreensão da palavra escrita, da linguagem, das relações do contexto de quem fala, lê e escreve, a relação entre leitura de mundo e leitura de palavra.

O contato com os livros deve ser muito precoce. Com um ano de idade, as crianças já podem mexer em livros de pano, plastificados, com grandes desenhos coloridos, de modo que sejam atraentes e resistentes.

Afirmamos, ainda, que há uma idade cronológica, mas também uma idade afetiva e fisiológica, uma idade lúdica e intelectual, pelo que a definição de um determinado nível etário resulta na interseção de todos esses dados. Consequência óbvia: em termo de competência de leitura, dois indivíduos com a mesma idade cronológica poderão encontrar-se em estágios de desenvolvimento distintos. Face ao número de obras existentes no mercado, a escolha de livros para as crianças tem que ser um trabalho cuidadoso e criterioso.

Daí a importância de se tecer uma reflexão sobre as questões relacionadas à leitura entre os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental,

visto que ainda há uma grande defasagem de leitores comprometidos e estimulados nas salas de aula.

Geralmente, a escola responsabiliza o aluno e suas condições familiares pela falta de interesse e não assume como sua a tarefa de incentivar o exercício da leitura. Nesse sentido, se torna pertinente discutir algumas condições importantes que precisam ser garantidas para cultivar a motivação dos alunos pela leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1990.

BALDI, Elizabeth. Uma escola comprometida com a formação de leitores. *Pátio Educação Infantil*, ano VIII, n. 24, p. 41-43, 2010.

BARBOSA, Juvêncio José. *Alfabetização e leitura*. 2. ed. ver. São Paulo. Cortez. 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Introdução*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARLETI, Rosilene Callegari. *A leitura: um desafio atual na busca de uma educação globalizada*. 2007; Disponível em: <<http://www.univen.edu.br/revista>>. Acesso em: 11-02-2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. São Paulo: Folha de São Paulo, 1988.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GOMES, Maria Aparecida Mezzalira. *Compreensão autorregulada: procedimentos de intervenção*. 2008. Tese (de doutorado). – Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação, Campinas.

JUSTO, Mercedes. Leitura desde o berço. *Pátio Educação Infantil*, ano VIII, n. 24, p. 38-40, 2010.

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2008.

LAJOLO, Mariana. ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MACHADO, Ana Maria. É possível formar bons leitores em sala de aula? *Na Ponta do Lápis*, ano VI, n. 14, p. 4.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MEIRELES, Elisa. Literatura, muito prazer. *Nova Escola*, ano XXV, n. 234, p. 48-58, 2010.

NASPOLINE, Ana Tereza. *Didática do português: tijolo por tijolo: leitura e produção escrita*. São Paulo: FTD, 1996.

PEREIRA, Izaides. A importância da leitura nas séries iniciais. Webartigos.com, dez. 2007. Disponível em: [<https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-leitura-nas-series-iniciais/3046/>](https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-leitura-nas-series-iniciais/3046/). Acesso em: 20-01-2019.

ROJO, Roxane. *Letramento e capacidades de leitura para cidadania*. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2004. Disponível em: <http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/2013121153a8f1155045828c12733b68e/Letra-mento-e-capacidade-de-leitura-para-cidadania-2004.pdf>>. Acesso em: 25-01-2019.

SMITH, Frank. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. 4. ed. Trad.: Daíse Batista. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SOUZA, Renata Junqueira de. *Leitura do professor, leitura do aluno: processos formação continuada*. UNESP Presidente Prudente. Disponível em: <http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2004/artigos/eixo3/leituraprofessor.pdf>>. Acesso em: 25-01-2019.